

UMA LEITURA DOS SIGNIFICADOS PRESENTES EM FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY: UMA ANALOGIA ENTRE A SIGNIFICAÇÃO DA OBRA E OS VALORES VIGENTES NA SOCIEDADE ATUAL

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise dos significados presentes em Frankenstein de Mary Shelley. Especificamente, será analisada a significação da obra e os valores vigentes na sociedade atual. Frankenstein de Mary Shelley não é apenas mais uma história de terror é, provavelmente, um dos melhores clássicos de terror já escritos. A jovem escritora inglesa presenteou-nos com um enredo cheio de significados implicitamente bem elaborados que compõem uma história com várias denúncias sociais acerca de temas recorrentes na época e que podem ser sentidos na sociedade atual. Para a realização deste trabalho adotamos o método qualitativo bibliográfico permitindo uma melhor análise do tema em estudo devidamente fundamentado pela literatura pertinente. Em seguida, realizamos uma análise da obra a fim fazer uma analogia entre os valores da época e os valores vigentes hoje. Durante a análise realizada foi possível observar que, tanto na época em que o livro foi escrito quanto hoje, a sociedade impõe padrões para a aceitação ou não do outro enquanto indivíduo social. E, que o processo de marginalização do homem depende da forma como este é recebido pelos demais ficando evidente a sua necessidade da vida em grupo para sua humanização a partir da troca de experiências e interação com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Frankenstein. Mary Shelley. Sociedade. Marginalização.

ABSTRACT

This article aims to present an analysis of the meanings present in Mary Shelley's Frankenstein. Specifically, we will analyze the significance of the work and the prevailing values in society today. Mary Shelley's Frankenstein is not just more a horror story is probably one of the better horror classics ever written. The young English writer presented us with a plot full of implied meanings that make up a

well-designed story with several complaints about social themes recurring at the time and that can be felt in today's society. For this work we adopted the qualitative method bibliographic allowing better analysis of the topic under study substantiated by the relevant literature. Next, we performed an analysis of the work in order to make an analogy between the values at the time and the values prevailing today. During the analysis it was observed that both at the time the book was written as today the society imposes standards for the acceptance or not of the other as social individual. And the process of marginalization of man depends on how he is received by the other evidencing the need of group life for his humanization through the exchange of experiences and interaction with others.

KEY-WORDS: Frankenstein. Mary Shelley. Society. Marginalization

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise dos significados presentes em Frankenstein de Mary Shelley. Especificamente, será analisada a significação impressa na obra e os valores vigentes na sociedade atual. Frankenstein de Mary Shelley não é apenas mais uma história de terror é, provavelmente, um dos mais bem articulados clássicos de terror já escritos. A genialidade da jovem escritora inglesa, na época com apenas 19 anos, presenteou-nos com um enredo cheio de significados implicitamente bem elaborados que compõem uma obra com várias denúncias sociais acerca de temas recorrentes na época e que podem ser sentidos na sociedade atual. E, além do clima sombrio presente na obra é possível notar um forte traço do romantismo do séc. XVIII representado pelo sentimentalismo que rege a existência da criatura e as vidas das personagens principais do romance.

A obra trata do sonho de grandeza do Dr. Victor Frankenstein e sua paixão pela ciência o que culmina com a descoberta da vida em laboratório. Porém, quando ele dá vida a sua criatura o horror se apossa dele impelindo-o a abandonar sua experiência. Os horríveis acontecimentos que começam a ocorrer a partir disso demonstram o quanto a ambição do homem pode ser prejudicial a sua própria existência.

Para a realização deste trabalho adotamos o método qualitativo bibliográfico por permitir uma melhor análise do tema em estudo devidamente fundamentado pela literatura pertinente. Em seguida, realizamos uma análise da obra a fim de fazer uma analogia entre os valores da época e os valores vigentes na sociedade atual. Durante a análise realizada foi possível observar que, tanto na época em que a obra foi escrita quanto hoje, a sociedade impõe padrões para a aceitação ou não do outro enquanto indivíduo social. E, que o processo de marginalização do homem depende da forma como este é recebido pelos demais ficando evidente a sua necessidade da vida em grupo para sua humanização a partir da troca de experiências e interação com o outro.

2. Descrição da obra

Inicialmente deve-se destacar que o livro é composto por três narrativas que se entrelaçam dando sentido à obra. Comandante Walton, Dr. Victor Frankenstein e a criatura, sob o ponto de vista de cada um, narram os acontecimentos que compõem a trama sendo que a história inicia-se e finda com Walton escrevendo à irmã acerca dos fatos ocorridos em sua viagem. E, dessa forma, a obra é composta por uma narração dentro de outra narração.

Walton, Frankenstein e a criatura estão inteiramente vinculados à 'cultura do ter' predominante na sociedade burguesa. Comandante Walton explora o Pólo Norte em busca de regiões que possam ser habitadas a fim de compartilhar tal descoberta com o mundo. Dr. Victor empenha-se em descobrir a origem da vida, a partir de suas experiências em laboratório. Ambos se afastam da família e da sociedade com o intuito de realizar seus desejos e, conseqüentemente, alcançar fama e reconhecimento através de seus feitos. Já a criatura, foco central da obra, aparece como um excluído da sociedade, desprovido do afeto dos outros e dependente dos livros como fonte de informação sobre o mundo. Essa situação faz com que ele revolte-se contra todos que, de alguma forma, proporcionem felicidade aquele que o criou. Nesta perspectiva, pode-se dizer que a rejeição da sociedade tornou a criatura um ser marginalizado e desumanizado.

O encontro entre Walton e Victor ocorre de forma inesperada. Durante uma tempestade de gelo, em sua excursão no Pólo Norte, Walton encontra Victor

Frankenstein em meio ao gelo e recolhe-o. Agradecido, pelo outro ter-lhe salvo a vida, Victor passa a narrar sua história que, por sua vez, é escrita em forma de cartas por Walton à irmã. Victor conta que sempre foi um adolescente curioso e interessado em ciências naturais e, em sua busca incessante pela origem da vida, acaba por criar em seu laboratório uma criatura composta por vários pedaços de corpos humanos e animais. Mas, quando sua experiência ganha vida, ele dá-se conta da aparência monstruosa da criatura e, sem saber o que fazer, foge aterrorizado abandonando-a a sua própria sorte. A princípio, ele parece não ter ideia do perigo que a criatura possa representar, mas dá-se conta disso somente quando ela passa a persegui-lo e matar as pessoas ligadas a ele.

Em sua sede de vingança, impulsionada pela rejeição da sociedade a sua aparência, a criatura passa a perseguir seu criador e destruir tudo o que possa lhe oferecer alguma felicidade. Ao tomar conhecimento dos acontecimentos estranhos que começam a ocorrer Frankenstein, o criador, retorna à casa de sua família e começa a desconfiar de que o responsável pelas mortes de seus familiares é a sua criatura. O cientista decide, então, procurar a criatura. Quando ambos se encontram a criatura exige a criação de uma companheira alegando estar cansada da rejeição da sociedade em virtude da sua aparência desfigurada e promete desaparecer se ele atender a sua exigência. Convencido de que esta seria a salvação para a família, Frankenstein decide voltar ao seu laboratório, em Londres, para tentar dar vida a mais uma criatura, no entanto a dúvida se apossa dele que, por sua vez, começa a se questionar sobre qual seria a atitude correta: criar uma nova criatura ou destruir a primeira? Decidido ele começa a destruir todo o trabalho que havia feito até o momento, mas não sabia que a criatura o havia seguido e estava a observá-lo. Enfurecida, a criatura jura vingança e foge. Preocupado, Frankenstein retorna para a casa de seu pai e descobre que a criatura havia matado seu melhor amigo. Algum tempo depois ele estava casado com sua querida Elizabeth, mas, em sua lua de mel, o monstro reaparece e cumpre com sua promessa: mata Elizabeth.

Inconformado com os infortúnios que têm acometido sua vida desde que trouxera a criatura à vida Victor Frankenstein sai a sua caça por toda a Europa. Tal decisão o leva ao encontro com Comandante Walton. Sentindo-se cansado e na dúvida se conseguiria ou não cumprir sua missão pede a ajuda do novo

amigo, o Comandante, que, por sua vez, já havia se afeiçoado a ele, para destruir a criatura se o próprio caso ele não conseguisse tal feito antes da sua própria morte. O inesperado acontece e, inexplicavelmente, a criatura entra na cabine do navio onde Dr. Victor Frankenstein estava acomodado e mata-o. Intrigado com o barulho estranho vindo da cabine do amigo, Walton dirige-se até lá para verificar o que há de errado e encontra Frankenstein morto. Após a constatação da morte do amigo o Comandante deparasse com a criatura que, por sua vez, conta o seu lado da história: Victor foi seu criador, e, por isso, o responsável por seu sofrimento. Após seus relatos a criatura salta pela janela e desaparece. Dessa forma, Walton encerra a história com suas cartas à irmã.

2.1 Estudo comparativo da obra: uma analogia entre seus significados e os valores da sociedade atual

Há quase duzentos anos Mary Shelley já discorria acerca de temas atualmente presentes em nossa sociedade. Confirmando, assim, a atemporalidade de muitos temas abordados pela Literatura. A obra está repleta de significados que se reportam à forma como a sociedade impõe-se ante as pessoas e/ou como as pessoas se moldam às exigências de uma sociedade, extremamente, consumista que supervaloriza a estética corporal em detrimento do caráter das pessoas. Seguindo esta linha de raciocínio, é possível observar que temas abordados na época ainda estão em alta, como por exemplo, a busca desenfreada da ciência pela origem da vida. Nesta perspectiva, observa-se o quanto a história de Frankenstein é atual.

Na obra é possível observar a luta entre razão e emoção. Aspecto visivelmente bem posto pela autora. À época, ao que se percebe durante a leitura, os sentimentos pareciam ser mais importantes que a razão, embora parecesse haver uma disputa entre ambos. Deve-se isso ao fato de a obra ter sido escrita em pleno Romantismo daí o porquê dos sentimentos exaltados de alguns personagens. Porém, não se deve classificar a obra como um simples romance tendo em vista que os elementos e características inerentes a sua composição elevam-no à categoria de ficção científica, posto que sua leitura nos leva a interrogar a relação entre a humanidade e a tecnologia e, também, as chances que o homem tem de desafiar as leis da natureza.

O tema central da obra gira em torno do estudante de ciências naturais, Victor Frankenstein, que em sua ânsia pela origem da vida constroi um monstro em seu laboratório. Todo o conhecimento de Victor leva-o a alcançar seu maior objetivo, entretanto as coisas não saem bem como ele esperava, pois, apesar de sua experiência ter dado certo, a aparência da criatura que ele trouxe à vida, embora se assemelhe à humana é, como o disse a própria Mary Shelley, hedionda. Tal fato faz com que a criatura seja, instantaneamente, rejeitada e abandonada, primeiramente, pelo próprio criador e, em seguida, pela sociedade em que estava inserida fato que a torna um ser estranho e marginalizado ao meio a que pertence. Isso ocorre porque

o jovem universitário e cientista de Shelley, ao ver-se diante de sua criatura horrível, rejeita-a; esta rejeição, fruto do seu erro e da percepção deste erro, fará brotar no monstro a vingança e, conseqüentemente, a desgraça em sua vida (o monstro não era inicialmente vingativo [...] mas torna-se vingativo depois que a própria sociedade o rejeitou [...]) (SILVEIRA e NEPOMUCENO, 2009, p. 295).

A aparência disforme da criatura fê-la ser rejeitada, não recebeu nenhum nome e a falta de alguém que pudesse ajudá-lo em seu processo de socialização fez com que perdesse a possibilidade de se humanizar socialmente levando-o a refugiar-se solitariamente na floresta. Nesta perspectiva, entende-se que “socialização é o momento de troca de experiências e saberes entre indivíduos, é quando se aprende a ser humanos. É um processo de interação que só se efetiva em sociedade, na participação e convivência com o outro” (PINTO, 2006, p. 13). E, tendo-lhe sido negado este direito, a criatura, sozinha, começa a aprimorar seus sentidos e passa a observar o comportamento de uma família que vivia próximo de seu refúgio. Aprende a falar com a ajuda de um senhor, que não o repele por não enxergar, então, não conhece sua aparência, mas quando os demais membros da família se deparam com a criatura a expulsam. Insatisfeito com a rejeição, até mesmo de seu criador, e o sentimento de repulsa que as pessoas demonstravam por sua aparência decide vingar-se daquele que o criou eliminando seus familiares com o intuito de que ele sinta o mesmo vazio que sente por não ter uma família.

Os efeitos da rejeição levam a criatura à marginalização social. Ela torna-se um indivíduo a parte e destituído da condição de ser social. Toda essa situação impele-o a agir violentamente e querer que o outro prove da sua dor por

ter-lhe sido negado o direito de conviver em grupo, culpa que a criatura atribui a Victor por este ser o responsável por tê-lo trazido à vida e o primeiro a negar-lhe o convívio em sociedade. A estranheza da criatura ao comportamento humano, ao ser relegada ao isolamento, remete-nos à compreensão de que “o homem, como ser genérico, se socializa nas relações com outros homens e em sociedade. A individualização compromete sua socialização, já que esta depende da interação com o outro, em sociedade” (PINTO, 2006, p. 14-15). Com isso percebemos que a recusa da sociedade em aceitar a criatura com sua aparência disforme torna-a um marginal. E, a culpa pela não aceitação da criatura na vida em grupo é atribuída a sua falta de beleza estética e ao fato de a sociedade possuir padrões estéticos predefinidos que levam as pessoas a adequarem-se a tais moldes para serem mais bem aceitas pelo grupo social a que pertencem ignorando, entretanto, o seu caráter.

Os padrões sociais atuais caracterizam-se pelo forte apreço à aparência estética. Fica evidente tal proposição quando observamos o quanto as pessoas têm se submetido à intervenções cirúrgicas em busca do dito ‘corpo perfeito’. Pois, o padrão de beleza imposto pela sociedade busca uma perfeição que não existe, uma vez que este mesmo padrão nunca é alcançado. E, assim como em Frankenstein, a aparência física torna-se mais importante que o caráter do indivíduo. Ante esta perspectiva, é possível perceber que, tanto na obra como na sociedade atual, tal aspecto parece ter sucumbido à sede estética social e as pessoas parecem não notar que este fator, muitas vezes, implica no afastamento do indivíduo do convívio em grupo. No entanto, em Frankenstein “[...] a criatura tem consciência, sentimento que a transporta para “a vingança”, quando esta é impedida de ter vida social, afectiva e normal, por ter uma aparência que foge da normalidade” (CRISTÓFANO, 2010, p. 256). E, é por ter consciência que a criatura não aceita a rejeição que lhe é imposta e, por isso, busca vingar-se daquele que, primeiramente, lhe impeliu à marginalização, humana e social.

Outra questão que delinea a situação de rejeitado da criatura é o fato de ela não ter recebido um nome, como citado anteriormente, o que, desde o início, coloca-a em uma posição fora dos padrões sociais remetendo-a à condição de indigente. Isso acontece porque, primeiro, seu criador recusa-se a aceitar sua

aparência exterior e a abandona, depois, a sociedade presa a padrões estéticos e à riqueza expõe-o por se assemelhar mais a um monstro que ao homem.

Nesse sentido, o monstro de Mary Shelley é mais miserável do que qualquer homem miserável, pois para ele não há chance de afeição caridosa, nem mesmo de seu criador, o cientista Victor Frankenstein. No entanto, não paradoxalmente, é esta situação extrema de “nada social” que mais provoca empatia no leitor, fazendo-o pensar não *num homem* [...], mas em *qualquer homem* (SILVA e LAIA, 2004, s/p) (grifos do autor).

Nesta perspectiva, entende-se que o preconceito sofrido pela criatura é fruto de uma sociedade escrava do esteticismo e presa a padrões de riqueza que supervalorizam o ter em detrimento do ser. Pois, se o próprio Victor (na condição de pai) ficou horrorizado ao deparar-se com a figura horrenda do monstro que criou, conseqüentemente, a sociedade, também, o rejeitaria por não corresponder aos padrões predefinidos e exigidos por ela. Dessa forma, o monstro de Mary Shelley é, desde o início, um ser sem espécie, sem nome e abandonado no mundo fatores que o tornam um fragmento da sociedade que aos poucos toma consciência da sua existência e, assim, torna-se sujeito. Mas, um sujeito condenado à exclusão social e privado de afeição.

Outro ponto que vale ser ressaltado é a questão da busca incessante do homem pelo conhecimento, fato enfatizado por Shelley. Na obra, o jovem cientista Victor Frankenstein, após anos de estudo conclui que é hora de se tornar importante para a humanidade e decide fazer algo nunca feito antes: criar vida em laboratório sem fecundação. Empenha-se em sua experiência e quando, finalmente, consegue êxito dá-se conta do erro que cometeu. O fato de o cientista perceber o erro cometido, embora tenha conseguido um feito inédito, nos mostra que, nem sempre, os conhecimentos são utilizados para fins construtivo-benéficos e, também, este mesmo conhecimento pode ser perigoso como o admite o próprio cientista: “[...] *I beg you to learn with me as to how dangerous the acquisition of knowledge can be*¹ [...]” (SHELLEY, 2006, p. 19). Assim, aponta-se para o fato de que o acesso ao conhecimento (científico), muitas vezes, pode apresentar soluções como também sérios problemas.

¹ Peço que aprendam comigo o quanto pode ser perigosa a aquisição do conhecimento. (tradução nossa).

Segundo Aristóteles (2002 *apud* Silva e Ribeiro 2008), por natureza, o homem é propenso ao saber. Isso implica dizer que ele sempre buscou o conhecimento na tentativa de compreender o porquê das coisas que o cercam. Talvez por esta razão a ciência seja uma das áreas mais exploradas pelo homem até hoje sendo visível sua busca desenfreada pelo conhecimento, pelo saber. Pois, o homem tem sido (in)conscientemente pressionado por seus semelhantes a encontrar o caminho da longevidade, a cura para várias doenças, o segredo e origem da vida. E, de alguma forma, isto tem aguçado a ambição do homem que, por sua vez, tem a usado como um combustível em sua busca do saber. Assim, como Frankenstein almejava ser reconhecido pela humanidade por um feito cientificamente inédito o homem, contemporaneamente, é impelido a destacar-se em seu ambiente a partir de feitos similares aos do Dr. Frankenstein. Mesmo que não estejam, necessária e diretamente, ligados às ciências naturais. Mas, de alguma forma as pessoas têm buscado formas e meios para se destacarem uns perante os outros.

3. Considerações finais

Pode-se perceber, a partir do estudo realizado, que muitos dos significados e sentimentos impressos na obra são perceptíveis na sociedade atual. A ânsia de reconhecimento por parte do Comandante Walton, a necessidade do Dr. Frankenstein de tornar-se importante para a humanidade, o sentimento de repulsa da criatura ante a recusa da sociedade em aceitá-lo são fatos reais e atuais. Isso porque a base de todo texto literário fundamenta-se na realidade.

O enredo engendrado por Mary Shelley nos apresenta várias denúncias sociais acerca de temas recorrentes na época e que podem ser sentidos na sociedade atual. É nítida no romance a necessidade de Walton e Victor em obter reconhecimento por seus feitos o que também se percebe na sociedade atual. O homem a todo o momento parece buscar esse reconhecimento, mais como alimento para o ego do que para sua sobrevivência e é exatamente isto que se percebe no livro. O processo de marginalização da criatura dá-se pela não aceitação de sua aparência externa que principia com a rejeição de seu criador, que por sua vez deveria tê-lo inserido na vida em grupo e lhe expressado alguma

afeição, e posteriormente pelos demais indivíduos da sua sociedade. Hoje, as pessoas têm dado demasiada importância à aparência externa e a sociedade consumista/capitalista tem ditado padrões estéticos de beleza como sinônimos de *perfeição* levando muitas pessoas a se submeterem a intervenções cirúrgicas na busca pelo *belo* e, também, para serem mais bem aceitas em seu ambiente social. E, assim, supervalorizam a aparência física em detrimento do caráter sócio individual. Fato que levou a criatura de Mary Shelley a cometer atrocidades contra seu criador por terem-lhe negado o direito à vida em sociedade sendo relegada à condição de *dejeito social*. Com isso, percebe-se que o homem necessita da convivência com o outro para se tornar humano tendo em vista que ele não é, *a priori*, um ser social e necessita da vida em grupo para tornar-se um ser social a partir das trocas de experiências e interação com o outro.

Ante o exposto, consideramos que o processo de socialização do ser humano está sob a influência do meio a que ele pertence. E, sendo a sociedade um agrupamento de modelos e regras tidos como corretos, a marginalização ou não do homem está, inteira e diretamente, relacionada à forma como o indivíduo é recepcionado por ela.

Referência bibliográfica

CRISTÓFANO, Sirlene. *O diálogo entre cinema e literatura em Frankenstein*. Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, jan./ jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido>. Acesso: 20.07.2012.

PINTO, Suely Lima de Assis. *A socialização humana e a internalização da cultura*. Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás. Vol. I - n. 2, jan/jul, 2006. Disponível em: revistas.jatai.ufg.br/index.php/itinerarius/article/download/184/172. Acesso: 20.07.2012.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Adaptação de Roy Phillips e Maria Cristina G. Pacheco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. (Story Telling Collection: classic tales).

SILVEIRA, Gabriel Carra Porto; NEPOMUCENO, Luís André. Atos de criação: questões éticas no Frankenstein de Mary Shelley e em “O golem”, de António Vieira. *Perquirere*: Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão do

UNIPAM. Patos de Minas: UNIPAM, (6): 293-306, out. 2009. Disponível em: [http://www.unipam.edu.br/perquirere/file/file/2009/Atos de criacao questoes e ticas.pdf](http://www.unipam.edu.br/perquirere/file/file/2009/Atos%20de%20criacao%20questoes%20e%20ticas.pdf). Acesso: 18.07.2012.

SILVA, Fabrício Fonseca da; LAIA, Fernanda Gonçalves de. *Um estudo comparado de “Frankenstein” e “Os Miseráveis”*: questão social e liberalismo no século XIX. Revista Espaço Acadêmico. N. 39, ano IV, Agosto de 2004. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/039/39esilvalaia.htm - 23k. Acesso: 20.07.2012.

SILVA, Valéria do Nascimento; RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. “O saber que é mais saber” segundo Aristóteles. *Existência e Arte - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei*. Ano IV – N. 4, Jan. a Dez. de 2008. Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/4 Edicao/valeria artigo alterado gloria .pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/4%20Edicao/valeria%20artigo%20alterado%20gloria.pdf). Acesso: 21.07.2012.